

ENTENDENDO A 7ª TRADIÇÃO DE A.A.

Todos os grupos de A.A. deverão ser absolutamente auto-suficientes rejeitando quaisquer doações de fora.

A análise acurada desse enunciado suscita indagações pertinentes: “Por que Bill não sugeriu que “Todos os grupos de A.A. deverão ser auto-suficientes?”. “Por que achou por bem sugerir que eles deverão ser absolutamente auto-suficientes? Haverá alguma diferença entre essas duas espécies de grupos que motivaram Bill a nos dar essa sugestão? Lucubrei bastante sobre esse fato para concluir que há, e justifico: Se não houvesse, ele não teria optado por sugerir o que é hoje nossa 7ª tradição. Em minha opinião, sem o pleno conhecimento dessa diferença não há como entender a razão que, por certo, levou Bill a nos dar a sugestão que deu. É o que pretendo demonstrar com este trabalho desprezioso.

Começamos abordando a quarta tradição. Segundo ela “*Cada grupo de A.A. deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. em seu conjunto*”. A fim de comentar esse enunciado, vejamos o que é autonomia. Para este vocábulo, o dicionário registra: “Autonomia, sistema ético segundo o qual as normas de conduta provêm da própria organização humana”. “Direito ou faculdade de se governar por si mesmo” (Dicionário prático da língua portuguesa).

Deve-se ressaltar que essa definição léxica diz respeito a autonomia absoluta que só existe em teoria. Na prática o que existe é a autonomia relativa porquanto as normas de conduta e as atividades dos seres humanos, bem como dos grupos formados por eles, estão subordinadas aos ditames das leis dos direitos e deveres as quais estão subordinados todos os cidadãos e os grupos formados por eles, como é o caso dos grupos de A.A.

Considerando-se o exposto, conclui-se que Bill deve ter se esquecido desse detalhe quando redigiu o enunciado da quarta tradição. Segundo esse enunciado um grupo de A.A., desde que respeite “*os assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. em seu conjunto*”, goza da liberdade de agir apenas segundo as determinações da sua consciência coletiva, independentemente das leis citadas e de qualquer outro regulamento ou norma de conduta. Vejamos um exemplo que justifica o que pensei, isto é, Bill deve ter esquecido de que a lei de direitos e deveres também limita a conduta e as atividades de um grupo de A.A. independentemente de outro qualquer regulamento.

Nós sabemos que todas as pessoas gozam do direito de fumar e que, há bem pouco tempo, o governo federal sancionou e pôs em prática a lei antitabagismo que proíbe fumar em recintos fechados.

Suponhamos que agora, sob a vigência dessa lei, num grupo qualquer de A.A., seja ou não absolutamente auto-suficiente, haja companheiros(as) fumando dentro do imóvel pertencente a ele, não importa que seja ou não dentro da sala onde se reúne, durante ou não o horário das reuniões. Como essa prática não atenta em nada contra “*os assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. como um todo*”, como preconiza a sugestão de Bill, e não for abolida pela consciência coletiva do grupo, ele pode perfeitamente adotá-la. No entanto, se alguém denunciar as autoridades que nesse grupo há fumantes transgredindo a lei citada o grupo será advertido quanto a essa transgressão e seus membros fumantes poderão ser presos e intimados ao pagamento de multa pela transgressão cometida, isso sem contar com a falta de fraternidade; de solidariedade e de amor aos companheiros não fumantes numa demonstração clara de egoísmo, o pai de todos os defeitos de caráter e um flagrante desrespeito a primeira tradição.

Agora será fácil entender a diferença que existe entre os grupos absolutamente auto-suficientes e os apenas auto-suficientes. Os limites da autonomia de um grupo de A.A. absolutamente auto-suficiente são três: Os princípios que norteiam o funcionamento saudável dele e de A.A. em seu conjunto; as leis de direitos e deveres de todos os cidadãos e dos grupos formados por eles, sejam ou não de A.A., e as cláusulas do seu contrato de locação.

Se considerado o que afirma o enunciado da quarta tradição esse limite seria apenas um, ou seja: “*os assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. em seu conjunto*”. Esse fato explica e justifica minha hipótese de que Bill deve ter se esquecido desse detalhe quando redigiu o enunciado da quarta tradição.

Descartada essa hipótese conclui-se que ele sabia perfeitamente o que estava sugerindo. Essa sugestão de Bill (4ª tradição), na minha opinião, caso se concretize, fará da irmandade de A.A. um movimento que só não será anárquico porquanto em A.A. existe ALGUÉM com poderes para governar: Um Deus amantíssimo que se manifesta na consciência coletiva dos membros dos grupos quando reunidos “*...a fim de resolver seus problemas comuns e de ajudar seus irmãos sofredores na recuperação daquela velha e desconcertante enfermidade, o alcoolismo*” (Prefácio do livro os Doze Passos e as Doze Tradição; pag. 11).

Um grupo absolutamente auto-suficiente é aquele que alugou e se reúne num imóvel independente de todos os demais e que, dadas as suas características físicas, faculta aos seus membros realizarem nele toda e qualquer atividade desde que respeitados os limites da autonomia do grupo que são três, como nós vimos, bem como a voz da sua consciência coletiva.

Vejamos o que registra nossa literatura a respeito desse assunto:

O A.A. PATROCINA ALGUMA ATIVIDADE SOCIAL PARA OS MEMBROS?

A maioria dos membros de A.A. são pessoas sociáveis, fator, por sinal, que poderá ter sido parcialmente responsável por se tornarem alcoólatras. Em conseqüência, as reuniões dos grupos locais de A.A. costumam ser encontros animados.

Como irmandade o A.A. nunca desenvolveu um programa formal de atividades sociais para os seus membros, já que o único propósito do movimento é o de ajudar os alcoólatras a se tornarem sóbrios. Em algumas áreas, os membros, inteiramente sob sua própria responsabilidade individual, criaram clubes em outros locais de recreio para os membros do grupo local. Estes clubes são completamente independentes do A.A., e geralmente toma-se cuidado para evitar uma identificação direta com o movimento. Mesmo onde não existem clubes, é comum os grupos locais promoverem jantares de aniversário, piqueniques, festas de Ano Novo e outras comemorações. Em algumas das cidades grandes, os membros de A.A. encontram-se regularmente para almoçar juntos e patrocinam encontros informais durante os fins de semana -Livrete 44 perguntas e respostas”, página 35.

Observe-se o texto sublinhado “...e outras comemorações”. Evidentemente ele significa que são muitas e variadas as atividades sociais que os membros de um grupo absolutamente auto-suficiente podem realizar, tanto em um imóvel locado por ele com essa finalidade como no que ocupa, desde que ofereça condições físicas para a realização delas e sejam respeitados os limites da autonomia do grupo ao qual pertencem, bem como a voz da consciência coletiva do grupo. Nessas “outras comemorações” pode-se incluir, por exemplo, as natalinas, juninas, serestas dançantes ou não, forró e, por que não dizer, carnavalescas. Além dessas comemorações, podem, também, realizarem jogos os mais diversos como, por exemplo,

dominó, damas, cartas, tênis de mesa etc. Se houver terreno que comporte, poderão ter uma piscina para recreação no verão.

Indo um pouco mais longe: Um grupo de A.A. absolutamente auto-suficiente, se dispuser de um terreno cuja área livre lhe possibilite a construção de um campo de futebol pode perfeitamente construí-lo não só para o uso dos seus membros como dos demais grupos que não tenham a mesma possibilidade. Nele podem, inclusive, realizar campeonatos entre “times” de grupos locais ou de cidades vizinhas, por que não? É claro que em cidades grandes isso é praticamente impossível, o que não acontece com as pequenas, principalmente as do interior dos estados que são prodigas em propriedades com as características aventadas.

Se a consciência coletiva de um grupo de A.A. absolutamente auto-suficiente, que possua essa condição, aprovar a realização dessa atividade e forem respeitados os limites da sua autonomia quem poderá proibi-lo de realizá-la se em A.A. não existe seres humanos para governar ou dar ordens a quem quer que seja, como preceitua a 2ª tradição? .

Além das atividades citadas podem, inclusive, realizar bingos, ter uma mesa de sinuquinha e uma cantina a fim de angariarem dinheiro para cobrir as despesas dessas atividades já que o grupo rejeita quaisquer doações de fora (7ª tradição). Depois de deduzidas as despesas inerentes a elas o saldo é repassado para a caixa do grupo. Para prevenir possíveis contrariedades, o bingo e a sinuquinha devem ser jogados apenas pelos membros do grupo que os promove, pelos membros de outros grupos que desejem participar e, no máximo, também pelos familiares.

É nesse ponto que os grupos de A.A. absolutamente auto-suficientes se diferenciam daqueles que são apenas auto-suficientes. Os membros dos grupos apenas auto-suficientes, mesmo que desejem, não podem realizar todas as comemorações

e atividades sociais citadas, mas apenas algumas delas pelo fato do imóvel onde se reúnem não oferecer condições para a realização delas. Além disso a autonomia desses grupos sofre as limitações impostas pelos regulamentos condicionantes do funcionamento do imóvel que ocupam. Os que se reúnem em apartamentos dos prédios residenciais são exemplos típicos desse fato. Já os que se reúnem em quitinetes, em prédios comerciais ou residenciais, por possuírem apenas a sala de reuniões, só têm uma alternativa: Realizar dentro dela atividades que não sejam proibidas pelas normas que regulamentam o funcionamento desses prédios.

Salientemos, agora, que a irmandade de A.A. não vive de promoção, mas de atração (11ª tradição). E que melhor forma de atrair a atenção da comunidade local (e mesmo das distantes) pode existir do que a realização dessas atividades e comemorações citadas realizadas pelos membros dos grupos de A.A. sejam ou não absolutamente auto-suficientes?

Neste ponto deve-se esclarecer que todas as atividades citadas, desde que ouvida a voz da consciência coletiva do grupo, não interfiram “*em assuntos que digam respeito a outros grupos ou a A.A. em seu conjunto*” (4ª tradição) nem infrinjam sua autonomia podem perfeitamente serem realizadas pelos grupos absolutamente auto-suficientes. Como em A.A. não existem governantes humanos (2ª tradição) a responsabilidade da realização delas é única e exclusivamente da consciência coletiva dos grupos que as realizam.

A lógica nos diz que nada acontece por acaso. Que há sempre uma causa que explica a origem dos fatos. Sendo assim, a indagação que surge é óbvia: Qual teria sido a causa que levou Bill a conclusão de que na irmandade de A.A. todos os grupos deverão ser absolutamente auto-suficientes rejeitando quaisquer doações de fora? Isso sem contar com as demais sugestões que ele nos legou.

História difícil de entender e explicar, não? Lucubrei bastante sobre ela para chegar a conclusão que cheguei. Bill, assim como seus companheiros, era um doente alcoólico como outro qualquer. Sendo assim, é óbvio que sofreu, como todo alcoólico sofre, a incompreensão da sociedade de um modo geral. Essa foi a razão que me fez concluir que ele, como revidé ao tratamento que receberam dela, deliberou fundar uma irmandade que demonstrasse a essa sociedade que sempre discriminou e execrou os alcoólicos tachando-os como vagabundos, maus-caracteres, irresponsáveis, sem-vergonhas, e outros adjetivos tão ou mais deprimentes do que estes, que os membros dela, embora sendo doentes alcoólicos, são pessoas normais e responsáveis capazes de realizar qualquer atividade que ela realiza, seja ou não festiva, sem a inebriação etílica causada pela ingestão de bebidas alcoólicas e sem o governo ou mando de quem quer que seja. E mais: Realizadas única e exclusivamente por seus membros sem depender de doações de fora, seja em dinheiro ou favor de qualquer natureza! Que outra explicação pode-se dar a esse fato a não ser que Bill foi escolhido e inspirado pelo Poder Superior para realizar um verdadeiro milagre? Que melhor forma de atração pode existir do que o exemplo de fraternidade, solidariedade, responsabilidade e espiritualidade dado pelos membros de A.A. com a realização dessas atividades? E qual companheiro(a) não se interessará em participar delas assim como seus familiares, amigos e amigas?

O Papa João XXIII, tomando conhecimento da Irmandade de Alcoólicos Anônimos e da estrutura funcional dela, declarou: *A Irmandade de Alcoólicos Anônimos é o milagre do século XX!* Já o Arcebispo Emérito de Olinda, D. Helder Câmara, em mensagem para a Central de Serviços de A.A. de Pernambuco declarou, dentre outras coisas: *“Os A.As não conhecem fronteiras geográficas, lingüísticas ou raciais. Desse modo afirmam-se como um irrecusável referencial não só para as relações*

humanas em caráter pessoal, mas também oferecem-se como balisa para a edificação de um novo tipo de sociedade.

Essa é a grande verdade que a maioria dos membros de A.A. desconhece e, desconhecendo-a, não é capaz de avaliar a grandeza espiritual dessa irmandade ímpar e maravilhosa sob todos os aspectos!

Lamentavelmente numerosos membros de A.A. condenam a realização das atividades citadas sob a alegação de que “essas coisas não são de A.A.”. Por desconhecimento da estrutura funcional de A.A. (9ª tradição) confundem a irmandade com os grupos que a compõem, duas coisas completamente diferentes demonstradas claramente pelo texto do livrete citado anteriormente.

Se a demonstração dada pelo livrete não for capaz de desfazer o erro cometido vou completá-la esclarecendo o seguinte: Os grupos de A.A., por força das suas autonomias, são completamente independentes uns dos outros. A única força que os une formando essa irmandade ímpar que é A.A. é aquela que eu chamaria de “força do amor”. É a força emanada do espírito de seus membros quando se reúnem, sob a égide do Poder Superior, *“...a fim de resolver seus problemas comuns e de ajudar seus irmãos sofredores na recuperação daquela velha e desconcertante enfermidade, o alcoolismo.* (Fonte já citada).

O desconhecimento desse fato é a razão que os leva a confundirem um grupo de A.A. com a irmandade de A.A., daí condenarem veementemente a realização das comemorações e atividades citadas realizadas pelos membros dos grupos constituintes dela, sejam ou não absolutamente auto-suficientes, nos imóveis locados para se reunirem como grupo. Um grupo de A.A. não é a irmandade de A.A. em seu conjunto, assim como uma formiga não é o formigueiro; uma abelha não é o enxame; um peixe não é o cardume, uma árvore não é a floresta, um grão de areia não é a praia. Penso que esses exemplos sejam

suficientes para que se entenda, de uma vez por todas, que UM GRUPO DE A.A. É APENAS UMA CÉLULA VIVA COMPOSTA POR TRÊS OU MAIS ALCOÓLICOS REUNIDOS “...A FIM DE RESOLVER SEUS PROBLEMAS COMUNS E DE AJUDAR SEUS IRMÃOS SOFREDORES NA RECUPERAÇÃO DAQUELA VELHA E DESCONCERTANTE ENFERMIDADE, O ALCOOLISMO”. QUE ESSAS CÉLULAS, UNIDAS AS DEMAIS PELA FORÇA DO AMOR, FORMAM ESSE CORPO MARAVILHOSO QUE É A IRMANDADE DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS!

Peço ao Poder Superior que essas considerações possam fazer com que esses companheiros recalcitrantes revisem suas concepções a respeito do erro que cometem ao condenarem as atividades citadas realizadas pelos membros dos grupos de A.A., quer sejam ou não absolutamente auto-suficientes, locatários de um imóvel que, por suas características, lhes dá condições de realizá-las. Se isso acontecer meu trabalho não terá sido em vão.

Deixo a critério dos membros dos grupos absolutamente auto-suficientes e dos apenas auto-suficientes, os comentários sobre o comportamento dos grupos dependentes de doações graciosas dos seus locais de reuniões, fato que confirma um flagrante desrespeito ao desejo de Bill consubstanciado na 7ª tradição.

Terminando este trabalho saliento o seguinte:

a) Nem todas as atividades e comemorações realizadas pelos grupos absolutamente auto-suficientes podem ser realizadas pelos apenas auto-suficientes. No entanto, dentro das suas possibilidades, eles podem realizar muitas delas, desde que o espaço ocupado por eles ofereça condições para essa realização, respeitem a autonomia dos grupos e os regulamentos a que está sujeito o imóvel que ocupam, caso não seja independente como os dos grupos absolutamente auto-suficientes.

b) Muitos grupos de A.A, apenas auto-suficientes, por falta de espaço no imóvel que locaram não dispõem de condições para realizar nenhuma das atividades sociais citadas. Mesmo

assim, respeitando suas autonomias e autorizados por suas consciências coletivas, realizam algumas delas dentro da sala onde suas reuniões formais são realizadas. Eu, particularmente, discordo dessa prática e explico para me fazer entender: Considero as salas de reuniões dos grupos de A.A. um recinto sagrado, assim como os dos templos religiosos, porquanto é nelas que o Poder Superior se manifesta para realizar verdadeiros milagres. Penso que não há necessidade de comentar esse fato por ser comum acontecer e do conhecimento não só dos companheiros e companheiras. Em minha opinião, usar as salas onde os grupos de A.A. se reúnem para a realização de qualquer atividade que não seja a do único propósito para o qual ela existe, isto é, seus membros se reunirem “...a fim de resolver seus problemas comuns e ajudar seus irmãos sofredores na recuperação daquela velha e desconcertante enfermidade, o alcoolismo” é um ato profano, logo condenável.

c) Para evitar possíveis contrariedades advindas dos jogos bingo e sinuquinha, se forem a dinheiro, eles só deverão ser praticados pelos membros dos grupos de A.A. e, no máximo, também por seus familiares.

O milagre da criação dos Doze Passos; das Doze Tradições e dos Doze Conceitos, princípios sobre os quais se assenta o funcionamento de A.A., foi realizado. É um fato concreto. Uma realidade. Com a Irmandade de A.A., porém, não aconteceu a mesma coisa. Ela ainda não é um fato concreto ou realidade. O milagre está por acontecer. Considerando tudo o que vimos penso que não há necessidade de muita sabedoria para se concluir o óbvio: A Irmandade de Alcoólicos Anônimos só será realmente um milagre quando todos os grupos que a compõem forem **ABSOLUTAMENTE AUTO-SUFICIENTES** ou apenas *auto-suficientes, mas jamais dependentes de doações em dinheiro, sob qualquer justificativa*, ou favores de qualquer natureza! E o que se faz necessário para que isso aconteça? Creio

que uma análise e reflexão meticulosa sobre esse fato responderá a essa indagação. Quanto a mim, bastam três palavras para respondê-la: Conhecimento e responsabilidade!

Neste ponto faz-se necessário esclarecer que a maioria absoluta dos membros de A.A., por não entender a nona tradição, desconhece a razão que explica a segunda, isto é, por que em A.A. não existe seres humanos com poderes para governar ou mandar. Mas essa é uma questão que foge ao objetivo deste trabalho. No entanto estou pronto para atender a todos(as) aqueles(as) que tenham interesse no esclarecimento dela.

Nemezio

F./São Gonçalo/RJ

Entendendo a 7ª tradição de

A. A.

Nemezio F

